



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA JARDIM-MS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

ELIANE APARECIDA DE SOUZA

CINE JARDIM: LEITURAS DE MUNDO POSSÍVEIS – JARDIM-MS
(1980)

JARDIM-MS

2018

ELIANE APARECIDA DE SOUZA

**CINE JARDIM: LEITURAS DE MUNDO POSSÍVEIS – JARDIM-MS
(1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras/Inglês da Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Jardim - MS, como requisito final para obtenção do grau de Licenciado em Letras/Inglês.

Orientador: Professor Me. Jefferson Machado Barbosa.

JARDIM-MS

2018

Souza, Eliane Aparecida.

Cine Jardim: leituras de mundo possíveis – Jardim-MS (1980)

38 páginas

Monografia (Graduação) – Letras Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato grosso do Sul, 2018.

Orientador: Prof. Jefferson Machado Barbosa.

1.Cinema; 2.Formação do leitor; 3.Etnografia.

CDD 20. ed. 413.028

ELIANE APARECIDA DE SOUZA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS – INGLÊS**

**CINE JARDIM: LEITURAS DE MUNDO POSSÍVEIS – JARDIM-MS
(1980)**

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Jefferson Machado Barbosa (Orientador)

Examinador (a): Profa. Ma. Marly Custódio da Silva (UEMS/Campo Grande)

Examinador (a) Profa. Me Patrícia Gressler (UEMS/Jardim)

Ao meu Deus
Que me capacitou e me concede o fôlego de vida a cada dia.
Aos que torceram por minha vitória
E de alguma forma contribuíram que este trabalho fosse concluído.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu Deus que me dá o fôlego de vida a cada dia. Aliado a isso, a capacidade e a inteligência para prosseguir nesta árdua jornada, visto que após 33 anos fora de uma sala de aula, somente Deus mesmo para me dar coragem e força para (re)começar.

Ao meu professor e orientador, Jefferson Machado Barbosa, que acreditou em minha capacidade quando nem eu mesma tinha a certeza disto! Agradeço a ele pela paciência e sábia orientação desta pesquisa.

Ao meu neto, Nicolás, que a cada vez que exprimia seu desejo que eu fosse sua professora, estava inconscientemente me impulsionando a continuar.

Ao meu filho, Emerson, que com a simples palavra: “eu sei que a senhora vai vencer!”, chegou-me como um grande incentivo.

À minha filha Jéssica que sempre me dizia: “mãe, sua faculdade em primeiro lugar...”, estava também me ajudando a prosseguir.

À minha mãe que me ensinou o gosto pela leitura, quando nas tardes de domingo ficávamos embaixo do pé de manga sentadas em bancos de madeiras, lendo a tarde toda. Além do incentivo oral, eu a tenho como espelho para minha vida, porque sempre foi um exemplo de vida, numa época difícil para se conseguir ingressar em uma faculdade, ela estudava e trabalhava e sustentava a família, sem reclamar.

Aos meus netos, Ana Luiza, Nicolás, Elis e Asafe são os motivos que me levam a lutar incansavelmente pela vitória.

À minha querida amiga e colega de sala, Nadia Cristina, que sempre me apoiou e me ajudou nas horas difíceis em que eu pensava que não iria conseguir.

À minha outra amiga e colega de sala, Gabriela, que juntamente com a Nádia me ajudou nestes quatro anos a seguir em frente.

Às minhas primas, Keli, Marceli e Márcia, que sempre me incentivaram a ingressar em uma faculdade.

Ao corpo docente da UEMS, em especial de Jardim-MS, que através de seus conhecimentos pedagógicos e conhecimentos seculares, guiaram-me e me ajudou a ter uma nova visão de mundo.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.”

João 1:1

RESUMO

A presente pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico, tem como objetivo principal identificar, descrever e apresentar diacronicamente a importância do Cine Jardim da década de 1980, para a formação do leitor de Jardim, Mato Grosso do Sul, doravante MS. As perguntas que nortearam a pesquisa se arquetaram da seguinte forma: 1) Qual o legado do Cine Jardim MS da década de 80? 2) Em que medida o Cine Jardim da década de 80 dialoga com a formação de leitores do ano de 2018? 3) Podemos ampliar a concepção de leitura a partir do Cine Jardim?. A justificativa de pesquisa baseou-se no fato de (re)construir outra época, década de 80, especificamente do Cine Jardim, e mostrar sua função social no que tange à formação de leitores jardinenses, bem como o conceito de leitura em 2018. Para (re)visitar e preservar a memória social dos cinemas, especificamente Cine Jardim, utilizamos predominantemente os postulados que discutem, dentre outros aspectos, sobre a cultura e a memória social. Para dialogar com a década de 80 e ilustrar sua importância para a formação de leitores em 2018, recorreremos preeminente aos postulados de Freire (1996; 2011) e Martins (1994). Na análise de dados, seguimos as orientações etnográficas com a triangulação dos registros, quais sejam: a) depoimentos dos sujeitos considerados pioneiros do Cine Jardim; b) Fotos e demais documentos acerca do cinema e c) Trabalhos correlatos que tratam do assunto em questão. O olhar para os dados tendeu para a análise interpretativista, defendida por Barbosa (2015) *apud* Erikson (1990).

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Formação de leitores; Etnográficas.

ABSTRACT

The present qualitative research, of ethnographic character, has as main objective to identify, describe and present diachronically the importance of Cine Jardim of the 1980s, for the formation of the reader of Garden, Mato Grosso do Sul, henceforth MS. The questions that guided the research were designed as follows: 1) What was the legacy of Cine Jardim MS in the 1980s? 2) To what extent does the Cine Jardim of the 1980s dialogue with the formation of readers of the year 2018? 3) Can we expand the conception of reading from Cine Jardim ?. The justification for the research was based on (re) constructing another era, 80's, specifically from the Cine Jardim, and showing its social function with regard to the formation of jardinense readers, as well as the concept of reading in 2018. For (re) visit and preserve the social memory of cinemas, specifically Cine Jardim, we use predominantly the postulates that discuss, among other aspects, about culture and social memory. In order to dialogue with the 1980s and to illustrate its importance for the formation of readers in 2018, we preeminently refer to the postulates of Freire (1996, 2011) and Martins (1994). In the analysis of data, we followed the ethnographic guidelines with the triangulation of the records, which are: a) testimonials of the subjects considered pioneers of Cine Jardim; b) Photos and other documents about the cinema and c) Related works that deal with the subject in question. The look at the data tended to the interpretative analysis, defended by Barbosa (2015) apud Erikson (1990).

KEY WORDS: Movie theater; Training of readers; Ethnographic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cine Jardim em construção.....	14
Figura 2- Cine Jardim recém-inaugurado.....	15
Figura 3 Cine Jardim em dia de sessão.....	34
Figura 4- Cine Jardim - Um ícone cultural para o cidadão jardinense	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1– CONTEXTO DE PESQUISA	13
1.1 CINEMA.....	13
1.2 CINE JARDIM.....	134
CAPÍTULO 2 - EPISÓDIO: A FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA	16
2.1 Conceito de leitura.....	16
2.2 Tipos de Leitura.....	22
2.3 Formação do Leitor	24
CAPÍTULO 3 - EPISÓDIO: CINE JARDIM DE JARDIM-MS: UM CAMINHAR ETNOGRÁFICO	266
3.1. Etnografia como metodologia de pesquisa.....	26
CAPÍTULO 4 - A LEITURA E O CINEMA	29
4.1. Bases para a análise	31
4.2. Da leitura ao cinema e do cinema a leitura.....	31
4.3. O acesso à cultura a partir do cinema	32
4.4. Leitura: promoção cultural social	34
4.5. Contribuição da tomada da consciência da história local.....	36
4.6. A importância dessa história local para a formação acadêmica da Eliane.	Error! Bookmark not defined.
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

Recentemente, muito se tem estudado sobre a leitura no âmbito das linguagens e humanidades em geral. O cinema, por sua vez, também existe nuances estudos. A interface cinema e leitura, notadamente, no cenário sul-mato-grossense pouco se tem explorado, especificamente nos trabalhos de conclusão dos cursos de Letras em MS. Com base nessa lacuna, propomos um trabalho que reflita essa interface tão importante nos diversos conceitos de leitura(s).

É importante destacar que a ideia para elaboração deste trabalho se originou pelo interesse em saber qual o legado deixado pelo cinema da cidade de Jardim no Estado de MS - Cine Jardim - à sua população e quais relações podemos estabelecer entre o cinema e a leitura. Partimos do pressuposto de que ao identificarmos um vínculo – interface - entre leitura e cinema, por meio de depoimentos entre os frequentadores do cine Jardim daquela época, podemos perceber a importância que o cinema teve, e ainda tem, para a formação daquele público como leitores da atualidade, século XXI.

Nesse sentido, essa pesquisa é diacrônica compreendida entre os anos de 1980 a 2018. Além disso, uma das ferramentas aplicadas para a investigação consistirá na pesquisa de campo, com utilização por meio de entrevista *in loco*, com orientação etnográfica no norte-americano Flick (2009). Ao que se refere à análise de dados, partimos também da orientação de cunho etnográfico com base análise interpretativista dos dados coletados e observados a campo, durante as intervenções etnográficas.

O presente trabalho está arquitetado da seguinte forma: No primeiro momento apresentamos o contexto de estudo. Em seguida, apresentamos o que compreendemos como função social da leitura. Aqui abordamos alguns conceitos relativos à leitura, com base em teóricos que julgamos pertinentes para essa pesquisa. O capítulo 3 é apresentado à etnografia como metodologia de pesquisa. E, por fim, no último capítulo, apresentamos a interface cinema e leitura por meio da analogia diacrônica de tempo, comprovando a importância do cinema para a leitura e como o cinema cumpre uma função social na formação do leitor.

CAPÍTULO 1– CONTEXTO DE PESQUISA

Este primeiro capítulo apresenta o contexto em estudo. Trata-se de uma reminiscência social do cinema na cidade de Jardim no Estado do Mato Grosso do Sul. Levando em consideração que o Cine Jardim - além de ser uma herança cultural imaterial, também registra nos processos de comunicação orais, a história e o desenvolvimento regional da sociedade jardinense - apresentaremos informações e singularidades sobre a formação, funcionamento e relevância desse entretenimento que foi muito significativo para a composição histórica da cidade. Para as citações deste capítulo, utilizaremos as referências de Maria Lucia Pinto Pereira no livro *histórias que o povo não conta*, como material de apoio e endosso das propostas.

Em seguida, apresentamos o aporte teórico-metodológico que sustenta a pesquisa, equacionado pela abordagem principal Cine Jardim: leitura de mundo possíveis – Jardim – MS (1980).

1.1 Cinema

A história do cinema mundial contempla um impressionante fenômeno tecnológico ocorrido no século XIX - a aptidão de captar imagens em movimento, contrárias às fotografias. E de acordo com Campos Jr (2007), esse fenômeno ocorreu na segunda fase da Revolução Industrial.

O cinema apresenta estreita relação com os frutos da segunda fase da Revolução Industrial. Ele surge em 1895 quando 33 pessoas assistiam às primeiras projeções de imagens em um curioso aparelho chamado de cinematógrafo. Inventado pelos irmãos Lumière este aparelho logo se tornou popular e atraiu uma multidão de curiosos que buscavam verificar sua utilidade. (Campos Jr, 2007, p. 03)

No Brasil as primeiras exhibições de filmes ocorreram logo após, em 1896, mostrando, também a significância que o cinema, teve na vida da comunidade brasileira.

Por estarmos inseridos em uma era em que os avanços tecnológicos estão cada vez mais emergentes, o cinema se constitui uma ferramenta imprescindível para a divulgação de artes, como, pintura, músicas clássicas e museus, retratados na tela de cinema e, que a maioria da população não tem acesso. Com isso, ocorre uma aproximação entre os povos, e as diversas sociedades e culturas no mundo superando, então as diversas fronteiras existentes. Essa globalização possibilita uma troca de informações e uma aproximação entre as diferentes nações, encurtando, assim as distâncias que existe entre as pessoas.

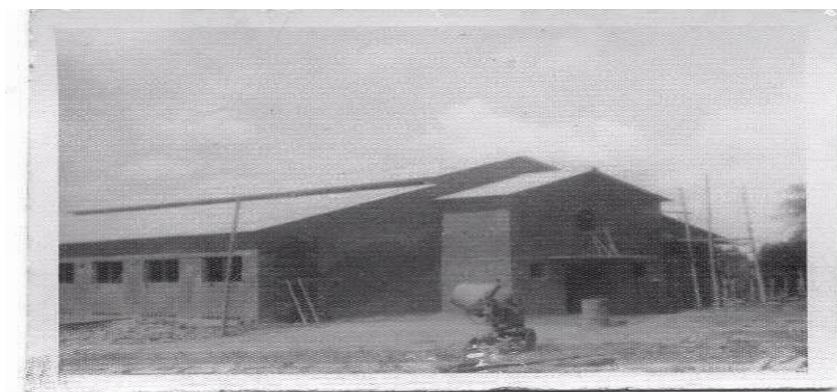
É válido também, atentarmos para o valor do cinema como inclusão cultural dos indivíduos na sociedade, uma vez que a relação entre cinema e cidadão resulta em inúmeros benefícios sociais. Haja vista, que o cinema tem a capacidade de trazer informações, instruir, capacitar os cidadãos a desenvolver uma capacidade crítica. Assim como, promover uma integração entre diferentes culturas e massas sociais disseminando variados conhecimentos sobre outros povos, línguas e nações.

1.2 Cine Jardim

Segundo Maria Lúcia Pinto Pereira (1991), o Cine Jardim foi construído pela Companhia de Estradas e Rodovias do Exército (C.E. R - 3) no comando do então Major Alberto Rodrigues da Costa, o cinema de Jardim foi inaugurado em 1946 com prédio ainda inacabado, “equipado com aparelho “TRIMPHO” (marca do projetor) tipo 42, com obturador, lubrificação automática e uma tela de 3,50 x 4,00m” (PEREIRA, 1991, p. 35). Por volta de 1958/59, foram adquiridos mais dois projetores – o que havia de mais moderno e o “cinema recebeu uma tela de tamanho padrão para filmes denominada “CINEMASCOPE”. Assim, a comunidade passou a assistir a grandes obras cinematográficas com a mesma qualidade dos grandes centros”. (PEREIRA, 1991, 35)

Nas terças e quintas-feiras os filmes eram exibidos em sessão única às 20h. Aos sábados e domingos, duas sessões e uma matinê no domingo. Nos dias da semana, a sirene da C.E.R - 3 (Companhia de Estradas e Rodovias do Exército) soava três vezes alternadamente e o filme começava assim que ecoava o terceiro apito.

Figura 1 - Cine Jardim em construção



Fonte:
por James Jorge
(2018)

Cedida
Barbosa

Ao projetar o olhar para o passado, observa-se durante as entrevistas etnográficas com informantes que em frente do cinema ficava o pipoqueiro que durante muitos anos foi um

ícone para o contexto referencial do Cine Jardim. Já na bilheteria, ficava um funcionário federal que nos dias de filme vendia ingressos e também eram vendidos no Armazém da Companhia, na conta dos funcionários, durante os dias da semana. E ao lado da bilheteria, ficava um pequeno bar onde foi servida a primeira vitamina de leite com frutas. A princípio, alguns temiam bebê-la por achar que fazia mal a combinação de leite com frutas. Mas após algum tempo a bebida tornou-se popular.

Figura 2- Cine Jardim recém-inaugurado



Jardinense Anos Oitenta (2016)

Na portaria havia uma roleta e quem ficava era um senhor conhecido como Mário pé na cova, que, muitas vezes desempenhava a função de guarda e que procurava com uma lanterna, baderneiros ou menores de 14 anos, que entravam furtivamente no meio das outras pessoas, mesmo com a vista atenta da acurada lanterninha. E aos sábados e domingos, durante a segunda sessão, a observação em relação aos menores era acirrada, principalmente, se o filme possuía cenas eróticas, violência ou era filme de terror.

O Cine Jardim ficava bem lotado quando exibia filmes do Mazzaropi, Tarzan ou faroeste com índios. Os filmes eram geralmente, norte-americanos ou italianos. Desse modo, o cinema com seu enorme palco contribuiu com eventos como: Teatro, Colação de grau, palestras e apresentações de cantores. As encenações teatrais, com elencos do próprio município, contavam inclusive com peças infantis. Foi palco para solenidades de formaturas das escolas e muitos outros eventos. No entanto, foi uma página arrancada da história cultural de Jardim que o vento do tempo levou para longe.

CAPÍTULO 2 - EPISÓDIO: A FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA

Este capítulo tem como objetivo apresentar alguns conceitos de leitura. Para isso, fazemos o percurso teórico proposto por Paulo Freire (2006), Maria Helena Martins (1994), Jefferson Machado Barbosa (2016) e Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2008). Além disso, abordamos os diversos tipos de leitura e seus significados a partir dos dicionários de Aurélio Buarque de Holanda de Ferreira (2004) e Antonio Houaiss (2001), bem como a função social na formação de leitores. Estes autores foram selecionados, por compreender a interface realizada entre a leitura da palavra, leitura de mundo e leitura da palavra-mundo, foco de nossa ótica com relação ao *corpus* de pesquisa.

2.1 Conceito de leitura

Recentemente, o conceito de leitura tem transitado em diversas áreas do conhecimento, composições teóricas distintas e o tratamento do conceito diferenciado. A partir dessa conjuntura, quando abordamos a palavra leitura, inúmeros conceitos nos vêm em mente. Sabe-se que a interseção entre leitura e a educação tem sido bastante investigada no cenário internacional. Atualmente, no Brasil, a educação de modo geral, tem sido uma grande batalha a ser enfrentada e o termo leitura é um dos pontos principais nessa questão que, por sua vez, é muito abrangente, inclusive no que diz respeito aos vários tipos de leitura e com objetivos diversificados. Devido à grande complexidade do assunto, direcionamos o nosso percurso teórico sobre leitura aos postulados de Freire (2006) e Martins (1994).

Partimos do pressuposto de que conceito e definição são aspectos distintos. Logo, o conceito permite questionamento e a apreciação e sua compreensão é abrangente, portanto, está em constante processo dentro de um sentido inacabado de determinado termo ou assunto. Já a definição é o estabelecimento e/ou a aceção de uma palavra ou assunto que contém um significado pronto e específico. Observa-se que dentro da fixação do sentido no interior do dicionário, por exemplo, a apreciação e/ou julgamento para tais aceções é mais limitada. Sendo assim, obviamente que realizar uma reflexão mais profunda sobre essa diferença demandaria mais tempo e este não é o foco desta seção.

Ao compreender brevemente essa distinção entre definição e conceito, recorreremos a alguns dicionários etimológicos da língua portuguesa do Brasil para compreender as aceções

apresentadas sobre o termo leitura. Dessa maneira, segundo o dicionário etimológico da língua portuguesa brasileira, Aurélio (2004, p. 1193), leitura é:

Ato, arte, ou Hábito de ler. 2. Aquilo que se lê. 3. Operação de percorrer, em um meio físico, sequência de marcas codificadas que representam informações registradas, e reconvertê-las à forma anterior (como imagens, sons, dados para processamento). (AURÉLIO, 2004, p. 1193)

Como se pode notar na interpretação acima, a definição de leitura registra e denuncia, na história da humanidade, que ler é um ato ou mesmo uma ação que realizamos a cada vez que lemos alguma coisa de uma maneira individual e subjetiva. Desse modo, quando o autor define a leitura como arte, podemos depreender também a ideia de beleza, perfeição, talento, entre outros. Logo, a leitura se torna um hábito e quando passamos a praticá-la continuamente, este se torna um processo muito importante para a vida de um leitor, já que em todo momento lemos. Podemos pensar ainda que cada sujeito leia à sua maneira, de acordo com o ponto de vista pessoal. Trata-se ainda de uma arte de decifrar algo que está escrito.

Evidentemente, o mundo ao nosso redor sempre nos transmite algo. Nesse sentido, a importância de prestarmos atenção para entender suas múltiplas mensagens é tarefa expressiva. A título de exemplificação: no início da formação do mundo, Deus criou a natureza para benefício próprio do homem, mas a ganância o tem feito destruí-lo. Com base nestes princípios bíblicos, podem-se perceber as manifestações da natureza, tais como: rios secando, animais desaparecendo, o aquecimento global entre outras inúmeras tragédias, e, a estas percepções visuais, podem considerar como um tipo de leitura.

Aurélio (2004) ao registrar que informações são reconvertidas em imagens, pode-se pensar nas placas de sinalizações ao longo das rodovias, em que algumas são representadas como uma imagem apenas. Estas imagens, além de informar acerca de trechos perigosos como curvas, por exemplo, servem também para sinalizar acerca de limites de velocidade permitida nas estradas evitando-se assim, ocorrências de acidentes. Já em ambientes urbanos, utilizamo-nos das sinalizações para nos orientarmos acerca de informações que necessitamos para nos locomover com segurança e encontrar os endereços necessários. Sem que seja preciso ler através dos códigos de letras. Mas, através de códigos de imagens que já é suficiente para uma compreensão da mensagem. Assim, o processo de leitura segue em nosso viver desde o nascimento evoluindo no decorrer dos anos, pois o termo leitura está associado em diversas formas e conceitos.

Desse modo, pode-se configurar a leitura como um hábito, que se desenvolve no decorrer do tempo e significa, também, decodificar caracteres, transformando-os em nossa mente o som em imagens para alcançar a compreensão que o texto quer transmitir. Em outras palavras, todas as informações sobre qualquer situação ou momento que foram registradas em códigos, ao ler, o leitor tem a capacidade de visualizar e compreender a mensagem e, de acordo com Aurélio (2004), reconvertê-las à forma anterior. Sendo assim, para que a leitura seja alcançada de forma objetiva há uma necessidade de o leitor construir sentido e adentrar ao texto para que haja uma significação do contexto e, posteriormente a compreensão do texto.

E para que se faça uma boa leitura, é preciso haver entre leitor e texto uma empatia, um relacionamento de identificação. E essa identificação adquire-se através de experiências de leituras que têm a ver com prazer de ler, domínio de linguagem e boa interpretação. Logo, o resultado dessa experiência nos viabiliza formar nossos próprios conceitos e conhecimento de mundo e até confirmações de pensamentos de si mesmo. É importante mencionar ainda que a leitura seja também uma relação solitária entre leitor e texto, para que haja uma interação necessária entre as partes. Portanto, a leitura é uma maneira de nos projetarmos a lugares por meio da imaginação, dos pensamentos e das ideias.

Houaiss (2001, p. 1739), por sua vez, define a leitura como:

Ação ou efeito de ler. 1. Ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; arte de ler (a l. penosa dos semianalfabetos) 2. Ato de ler em voz alta 3. Ação de tomar conhecimento do conteúdo de um texto escrito para se distrair ou se informar 4 Hábito ou gosto de ler 5 O que se lê; material a ser lido; texto, livro. (HOUAISS, 2001, p. 1739)

Nota-se na acepção de Houaiss (*op.cit.*)555*3+51744 que a leitura é definida como ação ou efeito do ato de ler; retirar dos signos gráficos o sentido do que se lê; maneira de compreender, de interpretar um texto, uma mensagem ou um acontecimento. Nota-se também que para o autor, a leitura se apresenta de várias maneiras de exercer o ato de ler como, por exemplo, a leitura acelerada que se trata de uma *leitura dinâmica*; a leitura da fala, ou *leitura labial*, geralmente é desenvolvida por pessoas que possuem dificuldades de audição e que, portanto, desenvolvem a técnica de ler os lábios para uma melhor identificação sobre o que a outra pessoa está dizendo; ler também é o ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; quanto à leitura penosa, podemos citar como exemplo os semianalfabetos que, devido as suas limitações na decodificação das letras, o ato de ler torna-se bastante dificultoso. Como se pode observar, a definição de leitura é um campo vasto e amplo, com

uma concepção da compreensão da linguagem que vai muito além do sistema de comunicação, visto que, também envolve o psíquico e os sentidos. Aliado a isso, não apenas ler, mas sentir o gosto pela leitura e adquiri-la como hábito, e posteriormente um prazer.

Vale destacar ainda, de acordo com Barbosa (2016), que a leitura vai além da simples decodificação de palavras, tais como: o intuito de buscar informações rápidas e mecânicas sem qualquer subjetividade. Mas, de acordo com as necessidades diárias de cada leitor. Nesse sentido, destacamos o relevante papel do docente que é o facilitador na aquisição no hábito de leitura.

Defendemos a tese de que a função do docente não é a de ensinar o aluno a ler, mas de proporcionar condições para que o educando realize a própria aprendizagem, de acordo com seus interesses, necessidades ou exigências que a realidade lhe apresentar no decorrer de toda sua linha do tempo. (BARBOSA, 2016, p.130)

O papel do docente consiste, em primeiro lugar, na valorização do educando, ouvindo seus anseios e o incentivando a buscar seus próprios conhecimentos. E isto pode ser adquirido por intermédio do diálogo e da relação de confiança e respeito criada entre as partes. Com base nisso, o docente pode também lançar um desafio para que o aluno, mediante incentivos e incitações, compartilhe aquilo que ele entendeu, desenvolvendo e aguçando seu senso crítico.

Outra condição que pode ser usada pelo docente como incentivo é o uso da tecnologia em sala de aula, que consiste na realidade atual dos aprendizes, em razão de que, dificilmente encontraremos um aluno que não possua uma afinidade e certo domínio das tecnologias emergentes. Nota-se que tais exigências são de acordo com o período vivido pelo leitor e leva em conta fatores como a sua idade, o seu interesse pela leitura, o sentido que tal leitura vai proporcionar-lhe e dentre outros aspectos, dessa forma, cabe ao professor ter a sensibilidade em apresentar obras literárias que vão de encontro com a realidade deste aluno, despertando-lhe, assim, o interesse pela leitura.

Na concepção de Koch (2008) é a partir da interação texto-sujeitos, que se constrói o sentido do texto.

Ao refletir a concepção de leitura de acordo com Martins (1994, p.8), pode-se perceber que leitura e sentido são palavras que se completam, porquanto, o ato de ler compreende em ver, sentir e entender aquele contexto inserido, não se resumindo apenas em decodificar os signos linguísticos. Mas, construindo sentido à leitura gestual, leitura do olhar, leitura do espaço, leitura labial, leitura do tempo e dentre outras inúmeras possibilidades de leitura (s). Martins (*op.cit.*) Apresenta uma situação hipotética do dia a dia: uma pessoa esbarra em outra na rua e a reação vai depender de como a pessoa leu, dando sentido, determinada situação, por

meio do olhar, se a pessoa estiver de bom humor ela poderá pedir desculpas, mas se ela não estiver bem ela poderá ler o ocorrido como uma suposta afronta. Em outras palavras, cada indivíduo desenvolve uma percepção de leitura que a interpretação se difere de leitor para leitor.

Ainda de acordo com Martins (1994), começamos a ler “desde os nossos primeiros contatos com o mundo” Martins (1994, p.11) fornece o exemplo de um bebê que quando nasce já inicia o processo de leitura por meio do cheiro, do olhar e também do reconhecimento do colo de sua mãe. Pode-se dizer que leitura é inerente ao ser humano. Trata-se de um dom, uma capacidade que nos acompanha desde o nascimento e de acordo com as situações vividas ela pode se desenvolver em maior ou menor grau.

Isto não significa, também, que a palavra *leitura* deixa de ser complexa. Aliás, por mais que estudiosos reflitam e apresentem posicionamentos sobre o conceito de leitura, dificilmente se chegarão a um consenso, dado que, a percepção da concepção de leitura se diverge. Desse modo, por ser um tema um tanto abrangente, é natural que cada indivíduo traga consigo um conceito próprio sobre leitura. Mesmo que seja de uma maneira mais comum ou óbvia que é a de decodificar as palavras.

Para que se tenha uma boa compreensão de um filme, uma tela, um texto que configure uma leitura ou qualquer circunstância que podemos construir sentido(s), segundo Freire (2006, p. 20) é necessário que o indivíduo traga consigo também um *conhecimento de mundo*, diante do fato de que, determinados contextos só se tornam compreensíveis se estivermos inteirados de alguma forma com o texto, do contrário o leitor simplesmente fará uma leitura vazia e com sentido diferente do qual o texto se propõe a passar. Logo, Freire (*op. cit.*) registra que:

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sanhaçu, (...); na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, (...). No corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga- espada verde, o verde da manga - espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto. Foi nesse tempo, possivelmente, que eu, fazendo e vendo fazer, aprendi a significação da ação de amolegar. (FREIRE, 2006, p. 12-13)

Ler, segundo Freire (2006, p.13) vai muito além do ato de percorrer as letras, mas conscientizar-se do que o mundo está falando. Nessa perspectiva, nota-se que é por intermédio da leitura de mundo, com conhecimentos prévios, assim como, a capacidade de

interpretar, interferir, escrever, mudar e muito mais ainda que o sujeito tenha a possibilidade de libertar-se da alienação e de descobrir o não dito que está dito. Dessa maneira, a leitura é uma porta que se abre para o mundo e proporciona um conhecimento que jamais será tirado daquele que o adquire. Além disso, ler também implica em recordar o que já se viveu, principalmente se esta recordação for de maneira prazerosa e significativa, como as recordações que temos de nossa infância, de quando subíamos nas árvores e apanhávamos seus deliciosos frutos. Freire (*op. cit.*) destaca que as recordações de nossa infância nos proporcionam um conhecimento que, ao longo de nossa existência nos possibilitará um amadurecimento como sujeito, dando-nos uma condição necessária de ler e reler o mundo de maneira indispensável. Logo, para o respectivo autor:

Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto (FREIRE, 2006, p. 09)

Dessa maneira, tudo que nos remete ao passado, que nos traz lembranças boas ou até mesmo ruins, nos projeta via memória ao passado realizando uma leitura, visto que estamos relendo e revivendo o que passou em nossa linha do tempo. E, por meio deste ato, estamos adquirindo cada vez mais conhecimentos e dando sentidos distintos a episódios passados outrora.

A reflexão sobre o conceito de leitura nos remete ao âmbito escolar e conforme menciona Barbosa (2016) a leitura “perpassa as diversas áreas de atuação, antropologia, sociologia, linguística, dentre outras” (BARBOSA, 2016, p.1). Observa-se que cada área de conhecimento segue de acordo com sua necessidade ideológica como, por exemplo, na área de geografia seu viés é o espaço regional, na história a leitura de mundo do tempo, na psicanálise a leitura do “eu” e assim sucessivamente.

No que diz respeito ao conceito de leitura aliado à formação do leitor que (Barbosa, 2014) pondera, observa-se que é necessário pensarmos a leitura também como formação e atuação docente, visto que os cursos de licenciatura direcionam os profissionais ao mercado de trabalho e este profissional tem também como missão despertar no seu aluno e futuro leitor uma percepção crítica; a saber, interpretar e ter a capacidade de reescrever determinado texto lido e dar-lhe (s) sentido (s).

Logo, é importante destacar que não pretendemos esgotar o assunto relativo à concepção de leitura, tema que demanda tarefa árdua, exaustiva e extensa. Portanto, reconhecemos as inúmeras concepções de leitura disponíveis e os diversos olhares para o

conceito de leitura dentro do percurso teórico ao qual nos propomos apresentar. Acreditamos assim, que a leitura é algo complexo e que vai além do texto escrito, com efeito, de que a leitura é o ato de dar sentido a nuances circunstâncias seja verbal ou não verbal.

2.2 Tipos de Leitura

Em relação aos Tipos de Leitura Martins (1994), remete-nos sobre a relação usual da leitura com a escrita, ou seja, a decodificação de letras feita pelo leitor. Assim, a autora faz uma indagação se o ato de decifrar palavras é suficiente para haver leitura. Veja:

[...] às vezes passamos anos vendo objetos comuns, um vaso, um cinzeiro, sem jamais tê-los de fato enxergado; limitamo-los à sua função decorativa ou utilitária. Um dia, por motivos os mais diversos, nos encontramos diante de um deles como se fosse algo totalmente novo. (MARTINS, 1994, p. 08)

Como podemos observar na citação acima um mesmo objeto permite várias possibilidades de leitura e determinado período sócio-historicamente marcado. Além disso, objetos comuns, como vaso, não são, em sua maioria, refletidos: de onde vieram? Sua história/origem? Sua confecção e dentre outros questionamentos. Logo, a leitura realizada é a de que o vaso serve para plantar algum ser vivo vegetal (planta, por exemplo). Mas, a leitura para além da função do vaso (decorativa e utilitária), muitas vezes, não acontece.

Ao corroborar, Martins (1994, p. 08) apresenta um ponto como *leitura sensorial ou leitura de sentido*. Dentro deste ponto sobre leitura, a autora apresenta um exemplo em que um objeto, pessoa ou coisa qualquer passa a ter uma importância especial para nossa vida; é quando passamos, de fato, a enxergá-lo, indo além de sua utilidade. Logo, reconhecemos sua história, origem, finalidade e dentre outros aspectos. Nesse sentido, a maneira como lemos determinadas situações é que vai determinar a leitura do objeto, “o formato, a cor, a figura que representa, seu conteúdo passa a ter sentido, melhor, a fazer sentido para nós” (MARTINS, 1994, p. 09). Observa-se que é a maneira de ver determinada situação que passamos a ler verdadeiramente o mundo. É importante destacar que aqui está a interface existente entre leitura e etnografia, esta última requer a observação, leitura, minuciosa de determinada situação.

A leitura de imagens, por exemplo, pode ser exemplificada pelas placas de sinalização. Diante disso, um leitor que não teve o privilégio de estudar consegue lê-las. Em outras palavras, consegue ler, ou decodificar – e dar sentido - a sua mensagem. E até mesmo um leitor a utiliza mesmo como sendo uma leitura obrigatória, pois na realidade este leitor não

percebe a real importância às leituras de trânsito, conforme menciona Barbosa (2016), em seu artigo intitulado “Prática de leitura”: “Acreditamos que a obrigação em realizar a leitura de trânsito se dá, dentre outros parâmetros, ao fato cultura que, muitas vezes, não é educada para o trânsito”. (BARBOSA, 2016, p. 06).

Nota-se, que leitura de placas de trânsito, assim como, conta de energia, conta de água, extrato bancário, dentre outras, também podem ser caracterizadas como leituras, muitas vezes, obrigatórias do dia a dia de um leitor do mundo. Sendo assim, não há necessidade de uma reflexão profunda para tal leitura, mas ela acontece para determinada finalidade.

Ao retratar a importância do conhecimento dos tipos de leitura no processo de ler, vale destacar a pesquisa realizada por Barbosa (2016), mencionada em seu artigo, sobre um determinado grupo de estudantes, acadêmicos do 1º ano de Pedagogia, cujo principal objetivo foi o de descrever as diferentes práticas de leitura atual do meio acadêmico,

E, por meio desta pesquisa podemos perceber parte da realidade no qual se encontra o leitor de hoje, século XXI. Além do mais, existe a confirmação da ideia de que a prática de leitura no ensino superior, por exemplo, está aquém do ideal para a formação de um leitor crítico.

Para Barbosa (*op.cit.*), uma prática muito comum quando se define leitura é a de se fazer associações entre leitura e textos escritos, livros e revistas impressas e dentre outras formas de associar leituras. Mas, de acordo com o respectivo autor é necessário nos atentarmos aos diversos tipos de textos disponíveis que vão além destes textos impressos. Uma vez que, para o autor ler não é apenas decodificar informações, mas “envolve um processo econômico, social, cultural e psicológico” (BARBOSA, 2016, p. 133).

Como leituras verbais e textuais são mencionadas também as que podemos ler ao ouvir uma música ou, a leitura de uma gravura ou imagem. A título de exemplificação, na música se pode destacar o estilo musical rap, e para a gravura ou imagens, o grafite. Este tipo de arte, geralmente é utilizado como forma de protesto entre os jovens ou como um desabafo social e até mesmo político. Dessa forma, ao lermos os seus conteúdos, nota-se claramente a mensagem inserida na música ou na gravura. Nestes textos orais e visuais, é possível identificar também a ausência de uma estrutura sistemática da língua, ou seja, a norma culta. Entretanto, as pessoas conseguem realizar uma leitura reflexiva quando ouvem a música ou quando observam as gravuras.

Barbosa defende que, “No entanto, atualmente, com a dinâmica de textos, principalmente no ambiente virtual, tem-se a leitura cibernética, cujos textos se referem à mistura de textos verbais e visuais, tornando-o um hipertexto” (BARBOSA, 2016, p. 133).

Sendo assim, os tipos de leituras apresentados nesta seção contribuem para ampliarmos a noção de definição de leitura. E aliado a isso, acreditamos que há nuances maneiras de ler, que vão do verbal ao não verbal, linguístico e extralinguístico, objetiva e subjetiva. Portanto, não queremos mapear ou limitar a quantidade de possibilidades de leituras existentes e acreditamos em sua infinidade de possibilidades de leitura.

2.3 Formação do Leitor

Recentemente, pensar a formação do leitor é tarefa árdua e complexa. Como dito na seção anterior, existem várias concepções e maneiras de ler. Além disso, ao realizar interface entre leitura e sujeito, observa que este último é um ser completo. Logo, leitura e sujeito são complexos. Sendo assim, cada pessoa lerá a partir de sua percepção.

A partir dessas considerações entre sujeito e leitura, nota-se a incansável luta de instituições formais de ensino no árduo papel de formar leitores da palavra e do mundo de modo geral. Aliado a essa formação, observa-se também a ação em prol da formação de leitores críticos, inquietos e preocupados com fatos do dia a dia.

De acordo com Freire (2006): “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, através destas palavras o autor retrata sobre a importância das experiências vividas pelo leitor e quando decifra determinados conjuntos simbólicos é tão importante quanto à compreensão do que se leu. E, para que possa haver esta compreensão, é imprescindível a leitura de mundo. Se o leitor não compreender a proposta que lhe foi apresentada, esta leitura deixa então, de cumprir a vocação no qual lhe foi confiada.

Para que possa também haver uma relação entre leitura e leitor, é preciso que as características inerentes do leitor e de sua capacidade cognitiva - tanto de interação quanto simbólica no ato de ler - se relacionem de maneira tal, que se produza o sentido e a interpretação textual desejada.

Ao ir escrevendo este texto, ia "tomando distância" dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; (Freire, 2006, p. 09)

Para Freire (2006), esta leitura do mundo começa desde os primeiros anos, quando buscamos em nossa memória a infância vivida, e este ato de reviver o passado vão somando-se a cada dia às experiências. Daí a importância de buscar no passado o sentido da palavra, o que a “palavramundo” nos proporcionou para que pudéssemos entender o sentido da “palavramundo”. Além disso, a leitura da “palavramundo” nos permite associar as palavras às nossas experiências de vida, de modo que possamos realizar uma interface entre os elementos linguísticos, escrita, por exemplo, aos elementos extralinguísticos, fatos do cotidiano.

CAPÍTULO 3 - EPISÓDIO: CINE JARDIM DE JARDIM-MS: UM CAMINHAR ETNOGRÁFICO

Este capítulo tem como objetivo central apresentar os pressupostos metodológicos através da pesquisa etnográfica. Além disso, o método utilizado foi o de pesquisa qualitativa, por acreditamos que a investigação nos dará um norte em como se comportar diante dos entrevistados. Aliado a isso, saberemos também como organizar e tabular os dados obtidos através das entrevistas, visto que a pesquisa etnográfica nos forneceu importantes bases na geração de depoimentos e das entrevistas.

3.1. Etnografia como metodologia de pesquisa

A Etnografia é uma metodologia das ciências sociais do qual se obtém os registros através de pesquisas de campo, ou seja, leva o pesquisador para o mundo no qual o objeto está inserido, e se descreve a cultura material de determinado povo (FLICK, 2009). Ao compreender estas premissas etnográficas, nota-se a interface existente entre etnografia e leitura, visto que a leitura fornece subsídio para que o pesquisador leia determinada situação de pesquisa de campo.

No seio da etimologia da palavra, etnografia, encontra-se no dicionário etimológico da língua portuguesa do Brasil, Aurélio, a definição da unidade lexical como:

1. A parte dos estudos antropológicos que corresponde à fase de elaboração dos dados obtidos em pesquisa de campo. 2. O estudo descritivo de um ou de vários aspectos sociais ou culturais de um povo ou grupo social. Etno + grafia (AURÉLIO, 2004, p. 843).

Desse modo, nota-se que a etnografia desempenha um papel fundamental na pesquisa de campo. Já que por certo, ela dedica ao estudo das múltiplas etnias, de suas implicações antropológicas e sociais.

Logo, é por meio desta ferramenta metodológica que analisaremos um grupo particular de pessoas: os frequentadores do Cine Jardim da década de 80. Partimos do pressuposto de que é através de levantamentos de dados/registros, norteados pelo método etnográfico, que temos possibilidades de resgatar a história do Cine Jardim e associá-la a importância da leitura na formação do leitor.

O método utilizado para a realização do estudo é a pesquisa qualitativa. De acordo com Flick (2009), “a pesquisa qualitativa é de especial relevância aos estudos das relações sociais devido às pluralizações das esferas da vida”. Com isto, o autor destaca as transformações ocorridas na sociedade, sob uma nova diversidade de ambiente.

Ainda segundo Flick (*op.cit.*), nos últimos anos têm ocorrido uma crescente transformação e um significativo crescimento na área da pesquisa qualitativa, resultando a necessidade de um novo paradigma de abordagem. Nesse sentido, essas transformações têm levado psicólogos, pesquisadores e cientistas sociais a remodelação de novas implicações e novas posturas quanto ao objeto de análise de muitos estudiosos.

O grande diferencial introduzido pela pesquisa qualitativa, de acordo com Flick (2009), é a utilização de estratégias indutivas, pois, conforme exposto pelo autor, essa mudança se dá devido à “mudança social acelerada e a consequente diversificação das esferas de vida” (FLICK, 2009, p. 21). Daí a importância em observar o objeto da pesquisa em seu ambiente natural, gerando, assim, uma série de práticas interpretativas para uma melhor compreensão do fenômeno estudado, uma vez que é através deste método que o pesquisador buscará entender este objeto, como também, descrever e explicar os fenômenos nas diferentes situações no qual se encontra.

Portanto, a pesquisa qualitativa é uma atividade que oferece condições ao pesquisador de observar o mundo e se posicionar de maneira representativa, daí depreende também sua interface com a leitura.

Flick (2009) salienta ainda sobre os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa e o primeiro ponto a destacar é em relação à apropriabilidade de métodos e teoria, que consiste em utilizar-se dos métodos como ponto central para a investigação empírica. Além do mais, dependendo do grau de complexidade do objeto, sugere-se a abstenção de estudar o referido fenômeno ou levar em conta as condições contextuais. Sendo assim, a interface entre etnografia e leitura novamente deve ser registrada visto que a leitura de um elemento linguístico, escrita, exige que o leitor acione elementos extralinguísticos, contexto.

Ainda conectados ao pensamento de Flick (2009), observa-se a noção de pesquisa qualitativa e que para isto é essencial nos valer das ideias centrais que orientam a pesquisa, nas quais o autor destaca: a apropriabilidade de métodos e teorias, que consiste na escolha de um método que melhor se adequa ao tema da pesquisa. Para o autor o objetivo da pesquisa é descobrir o novo e não em testar teorias existentes. Dessa forma, a pesquisa qualitativa tem

como critério observar o embasamento do material empírico já utilizado como principal fonte de pesquisa.

Ainda seguindo as orientações de pesquisa etnográfica de Flick (2009), nota-se que outro importante diferencial da pesquisa qualitativa é a reflexividade da pesquisa e do pesquisador, ou seja, a subjetividade do pesquisador, por conseguinte, as reflexões e opiniões do pesquisador são partes relevantes para o processo da pesquisa. Nessa perspectiva, ao corroborar com Flick (*op.cit.*): “A subjetividade do pesquisador, bem como aqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa” (Flick 2009, p. 25). Com isto, pode-se notar que observador se torna um importante formador na interpretação do tema pesquisado.

Depreende-se que quanto às perspectivas dos participantes e suas diversidades, o autor destaca que este aspecto para o esclarecimento de questões que necessitam de uma abrangência maior de análise e que envolvem um maior número de sujeitos pesquisados e questão geral de determinado caso estudado.

Outra ideia destacada pelo autor é relativa à variedade de abordagens e métodos na pesquisa qualitativa que consiste nas inúmeras abordagens teóricas e métodos, utilizando pontos de vista subjetivos, elaborações e cursos das interações e reconstrução de estruturas e significados eventuais das práticas. Portanto, não é nosso objetivo nesta seção limitar as ponderações referentes à etnografia. Mas, demonstramos sua organização metodológica para uma pesquisa de caráter científico.

Na busca pela comprovação em maior profundidade sobre a importância do cinema como prática de leitura e formação acadêmica, a pesquisa qualitativa teve grande relevância e a base metodológica utilizada neste trabalho.

Para analisar esta questão foi necessário realizar uma investigação, por meio de depoimentos, para se compreender sobre as influências que o cinema causava na sociedade de maneira individual e coletiva. Sendo o método utilizado instrutivo às questões de orientação de como abordar o entrevistado e em relação a como se posicionar como entrevistador.

Os entrevistados foram um grupo de frequentadores do Cine Jardim que, ao analisar seus depoimentos foi possível compreender a importância do Cine Jardim para a formação de leitores da atualidade, configurando, assim, uma pesquisa de natureza diacrônica.

CAPÍTULO 4 - A LEITURA E O CINEMA

Este último capítulo apresentará a análise de dados através de entrevistas realizadas com alguns moradores da cidade de Jardim- MS, que viveram na época do Cine Jardim. Com isso, este capítulo descreve as questões relacionadas à ingerência que o cinema proporcionou ao indivíduo em sua formação como leitor.

4.1 A importância dessa história local para minha (Eliane) formação acadêmica

A pesquisa é de caráter diacrônico para realizar analogia da década de 80, realizada em seção anterior, por meio de entrevistas com informantes que reviveram, por meio de memória, outro período. Nesse momento, a presente autora se coloca na posição de leitora para registrar a importância do cinema em sua linha do tempo. Nota-se um olhar em 2018. Portanto, coloque-me na primeira pessoa para descrever a importância do cinema na minha formação de leitora da palavra e do mundo.

Nesse sentido, falar da cidade de Jardim, em especial do Cine Jardim, não é somente lembrar com saudade de uma época memorável. Mas, da importância em se fazer parte de uma história, e mais ainda, participar como testemunha narrativa daquele tempo. O Cine Jardim teve um crédito significativo para meu crescimento como pessoa, leitora, e principalmente em minha formação acadêmica.

Dado que o cinema começou a fazer parte da minha vida desde muito cedo. E, foi na minha infância, que tive o primeiro contato com a tela. Recordo-me com um sentimento saudoso das vezes em que minha mãe nos levava, eu e minha irmã, ainda pequenas, ao cinema. Aquele momento era sem dúvida, mágico em minha mente. Primeiro, por minha pouca idade, e segundo pelas limitações de diversão, comuns em uma cidade do interior.

Meu primeiro contato foi na sessão da matinê, visto que eu não podia assistir à sessão das 20h, por não ter a idade suficiente permitida para entrar naquele horário. Fato que às vezes me deixava com sentimento de frustração. Depois, com o passar dos anos, que, aliás, foram esperados com muita ansiedade, pude participar das sessões na qual a idade permitia.

Lembro-me até hoje, 2018, quando passou o filme da *Rainha Sissi* e eu não podia entrar por ser criança. Minha irmã mais velha e minha prima foram ao cinema e eu fiquei em

casa chorando por não poder ir. Quando elas retornaram e me contaram o filme, então eu fiquei mais triste ainda por saber que era um lindo filme.

Um dos melhores filmes que assisti quando criança foi o da Cinderela, e por ser um importante clássico da literatura infantil, eu acredito que o filme contribuiu muito para minha percepção de mundo.

Ao me recordar, principalmente deste período da infância, sou levada a citar Paulo Freire (2009):

[...] a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. (Freire, 2009, p. 09).

Assim como essas releituras foram fundamentais para a vida do autor, eu também as considero de extrema importância. Toda a experiência vivida a cada vez que adentrávamos na sala de cinema, foram formando em mim, uma base cognitiva que eu carrego ao longo de minha existência. Principalmente pelo fato de eu ter nascido e crescido numa cidade do interior, longe das modernidades dos grandes centros.

Provavelmente, se não fosse pelos filmes, propagandas e noticiários que assistíamos na tela do cinema, talvez, hoje eu poderia me considerar uma pessoa com pouquíssima cultura, porque devido a nossa pouca condição financeira, não havia em minha casa, um aparelho de televisão, que pudesse conectar-nos ao mundo.

Outro ponto que considero fundamental para a construção de minha vida acadêmica, é o fato que a maioria dos filmes eram legendados, então eu me via obrigada a ler para poder entender os filmes. E ler rápido, pois o filme não podia esperar que o público ficasse soletrando as palavras.

E a influência do cinema não parou por aí, porque não podemos deixar de registrar, as vezes em que o mesmo foi utilizado como palco de teatro, festival de música e concursos de danças. De cada um destes eventos, foi retirado um tipo de conhecimento, uma nova aprendizagem, e por fim uma herança cultural que levarei para o resto de minha vida. Por fim, mas não limitando o assunto, não queremos esgotar a historicidade do cine Jardim, tampouco realizar análise interpretativista exaustiva, mas apenas resgatar uma época em que foi, de fato, importante para Jardim-MS e para a formação do leitor da atualidade.

4.2 Bases para a análise

É importante destacar o reconhecimento de que o presente trabalho é também para resgatar a memória da cidade. No entanto, nosso foco equivale à interface entre leitura e cinema. As entrevistas foram realizadas com cinco pessoas que viveram aquela época, sendo duas pessoas do sexo masculino e três do sexo feminino. Estes entrevistados ressaltaram em seus depoimentos sobre o valor do cinema para suas vidas. De acordo com suas falas, o Cinema de Jardim foi um importante veículo de cultura e conseqüentemente, um instigador à leitura. E tais atributos foram obtidos através das leituras de imagens, das leituras dos códigos das letras, da leitura dos sons, entre outros. Essa leitura se dava a cada vez que se assistia a um filme.

4.3 Da leitura ao cinema e do cinema a leitura

Tendo em vista as definições observadas pelos teóricos e estudiosos no capítulo 1, percebemos que leitura é muito mais do que a decodificação de palavras. Para tanto, retomamos as principais ideias de os autores citados em relação ao verbo *ler*. Houaiss (2001) define o verbo ler como uma “ação de tomar conhecimento do conteúdo de um texto escrito para se distrair”. Para Aurélio (2004) “ato ou hábito de ler, aquilo que se lê”. Já Freire (2006) defende que ler é “conhecimento do mundo”. Diante destas afirmações Martins (1994), por sua vez, se posiciona ao afirmar que o mundo está rodeado por textos e, também, a leitura se inicia em nosso viver “desde os nossos primeiros contatos com o mundo”. E para Barbosa (2016) é preciso pensar em leitura também como “formação e atuação docente”.

Nota-se que o processo de leitura percebido por essas concepções serviu para aclarar que conceito de leitura é muito mais amplo e complexo do que se possa imaginar, e que dificilmente se chegará a um acordo comum. Isso justifica o fato de ser um assunto cada vez mais abrangente nas diversas áreas do conhecimento científico.

E, para realizar interseção diacrônica entre a importância do Cine Jardim para a leitura e formação do leitor contemporâneo, valemo-nos de depoimentos de pessoas que frequentaram o Cine Jardim na década de 80.

Ao pensar em memória, partimos do pressuposto de que é um ato de recordar o passado ou narrar histórias do passado. É um ato que, segundo Freire (2001), trata-se de “reler” momentos fundamentais da prática do leitor, guardados na memória e associados a

este pensamento, descrevemos a importância do cinema para o desenvolvimento social, cognitivo e psicológico de seus frequentadores.

Percebemos, dessa forma, nos relatos dos informantes a alegria em colaborar com a pesquisa. De modo que, tal contribuição para a composição deste trabalho, deu-lhes oportunidades emocionantes de recordar com muito carinho uma época decorrida de grande significância para a constituição de suas histórias. Além do mais, através destes relatos podemos compreender a imensurável importância que o cinema teve na vida do cidadão jardinense no que tange à leitura.

4.4 O acesso à cultura a partir do cinema

Ao fazer um vínculo entre os conceitos de leitura com os depoimentos realizados entre os frequentadores do Cine Jardim, podemos perceber a importância que o cinema teve para a formação daquele público como leitores da atualidade.

Conectados ao pensamento de Necchi (2009, p. 276): “Quem é leitor habitual encontra no cinema uma possibilidade de diversificar ou ampliar os entendimentos acerca do livro”. Como podemos perceber, para o autor, um filme baseado em uma obra literária oferece novas possibilidades de entendimento acerca de determinado livro lido. Este ato faz com que o repertório linguístico e crítico do leitor se amplie a cada filme assistido ou livro lido. Nesse sentido, tanto o livro quanto o filme, assistido no cinema, Cine Jardim, por exemplo, pode ser considerada uma leitura, mas como modalidades distintas. A menos que o filme seja legendado e tenha elementos linguísticos verbais, palavras, para leitura.

Ainda ancorados no pensamento de Necchi (2009), observa-se que este conceito influencia o professor ao conduzir seus alunos a assistirem filmes baseados em obras literárias, visto que ao assistir um filme, os alunos que não são propensos ao hábito de ler passam, então, a ser incitados à leitura.

Ainda sobre a citação de Necchi, consideramos que: “Assim, se o processo for bem conduzido pelo professor, o filme instiga à leitura alunos poucos afeitos à leitura”. (NECCHI, 2009, p. 276). Sendo assim, percebemos mais uma vez a relevância do papel do docente para a formação de leitores, por meio do filme.

Para fomentar tais conceitos, apresentaremos o testemunho de uma informante do sexo feminino, 1-I-F¹, que é moradora na cidade de Jardim desde criança. Segundo seu relato, ela

¹ 1-número. I- informante. F- feminino. M- masculino. Por uma questão de ética e sigilo, optamos por manter em siglas os nossos informantes.

mudou-se para esta cidade quando seu avô foi trabalhar na construção da ponte sobre o Rio Miranda, antes mesmo da fundação da cidade.

Com muita emoção, a 1-I-F lembrou a seguinte passagem:

INQUÉRITO 01. 1-I-F

INF.: O primeiro filme que eu assisti quando criança foi um filme histórico: Lampião e Maria Bonita. Algumas cenas ficaram em minha mente, mas não sei contar o filme.

Nota-se que esta recordação é, sem dúvida, um tesouro que ela guarda em suas lembranças. Realmente, lhe proporcionou um conhecimento acerca de parte da cultura do Brasil, mesmo não se lembrando do enredo do filme, da narrativa de modo íntegro, a 1-I-F, reconhece a importância do filme e as cenas que, de certa forma, dialogam-se com as práticas sociais. A este fato, Martins ressalta que: “a psicanálise enfatiza que tudo quanto de fato impressionou nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo na obscuridade do inconsciente”. (MARTINS, 2004, p. 19).

Outro importante relato é do informante 2-I-M, atualmente professor de História, que prontamente se disponibilizou a discorrer sobre sua experiência com o cinema em questão. Contribuindo de sobremaneira para o enriquecimento desta pesquisa. Quando questionado sobre a importância do cinema em sua vida como leitor, respondeu:

INQUÉRITO 02. 2-I-M

INF.: como leitor, me influenciou, me desafiou, me trouxe novos autores, novos temas, mas não muito, porque eu já nasci leitor.

Observa-se no inquérito 02 que 2-I-M reconhece a influência que o cinema trouxe para sua formação enquanto leitor, através de temáticas novas, desafios e novos autores. Mesmo reconhecendo também o fato de “nascer” como leitor, o 2-I-M reconhece a influência do cinema. Além disso, das lembranças que 2-I-M tem quando criança que lhe causou encantamento foi o filme *Simbá o Marujo* e outro filme inesquecível também foi o *Dr. Jivago*. Outro fato destacado pelo 2-I-M sobre a influência para a leitura foi:

INQUÉRITO 03. 2-I-M

INF.: Quando eu tinha lá por onze, doze anos, eu me interessei por bolsilivros de espionagem que se vendiam nas bancas, por conta dos filmes de James Bond.

Nota-se que “Essa constatação evidencia a importância da memória tanto para a vida quanto para a leitura” (MARTINS, 2004, p. 19). Além do mais, o cinema, o filme, foram canais expressivos que motivaram na formação de leitor de 2-I-M. Este fato também explica o porque muitos educandos, na atualidade, lerem o filme, alguns em casa e outros no cinema, para depois lerem os livros e vice-versa. Por fim, é importante registrar que ao observarmos as descrições do 2-I-M, aliada ao pensamento de Martins (2004), fica evidente que o cinema teve uma significativa contribuição em seu crescimento como futuro leitor e, também, aos demais entrevistados. Muitas vezes até de maneira inconsciente.

4.5 Leitura: promoção cultural social

A prática da leitura é utilizada principalmente para se adquirir conhecimento. Martins (2004). Daí o valor de seu estímulo em qualquer fase de nossas vidas.

Para isso, também, Necchi declara que “Ela faz parte do cotidiano, permite que o sujeito crie, tome decisões, estabeleça estratégias, projete sua própria vida, organize seus sonhos”, (NECCHI, 2009, p.274) para que tudo isso ocorra o autor diz que é necessário que a leitura seja uma atitude individual. Pelo fato de que, as relações criadas entre o texto e o leitor geram na imaginação e na memória do leitor a interação necessária para a compreensão da leitura, e, também as ligações adquiridas pela palavra lida. “[...] provocam, estimulam, desestabilizam e, portanto, podem transformar o estudante” (NECCHI, 2009 p. 274).

A foto, a seguir, revive o cine jardim de Jardim-MS em dia de sessão.

Figura 3 Cine Jardim em dia de sessão



Fonte James Jorge Barbosa

Somados aos estímulos citados pelo autor, podemos assimilar que a integração do cinema como aliado ao processo de amadurecimento e autonomia do sujeito e, para a formação de um pensamento crítico. Em conformidade a essas ideias, transcrevo mais um trecho do depoimento da informante 3-I-F, que quando questionada se o cinema fora importante para ela e conseqüentemente para a cidade, prontamente respondeu que sim, pois segundo ela:

INQUÉRITO 03. 3-I-F.

INF.: *tinha uma praça na frente, e era o ponto de encontro dos jovens, das famílias que se reuniam ali, para entrar no cinema. Foi muito importante, pena que terminou o cinema... o prédio do cinema.*

Podemos perceber, pelo relato de 3-I-F, a importância do cinema não era somente o fato de passar grandes filmes, mas que servia também como um ponto de encontro entre as famílias e os jovens. Aliado a isso, a 3-I-F lamenta o fato de o cinema não mais existir. Sendo assim, observa-se, dentre outros aspectos, um depoimento mais inclinado na expressividade do cinema para a população jardinense, para sua constituição histórica e social, para a memória social da região de MS.

Outro relato que considero pertinente é o do informante 4-I-M, que destacou um fato que antes de iniciar a sessão de matinê, sempre havia uma troca de gibis:

INQUÉRITO 04. 4-I-M.

INF.: *Eu me lembro de que eu e meus amigos gostávamos de trocar gibi antes de começar o filme. Geralmente era gibi do Tex, do Tio Patinhas, do Cascão. Eu tinha uma grande coleção.*

Esta informação comprova, dentre outros aspectos, o quanto o cinema fez correlação e incentivou à leitura, uma vez que seus frequentadores aproveitavam a oportunidade para a troca de revistas em quadrinhos, o que ocasiona certamente o aumento de leitores na cidade. Outro ponto pertinente é relativo à correlação existente entre leitura do filme e leitura de gibis. De fato, são modalidades de leituras distintas, mas ambas motivam para a formação populacional de leitores da palavra e do mundo.

De acordo com Freire (2001, p.11), “Eram momentos em que os textos se ofereciam à nossa inquieta procura.” Percebemos o quanto aquele período, década de 80, a leitura e a posição de leitor era condição de prazer e de prática social constante. Reconhecemos que na atualidade, século XXI, isso acontece, mas infelizmente não com o Cine Jardim-MS, visto que

não existe mais. Sendo assim, pontuamos que com a demolição do cinema, houve a quebra de um importante canal de lazer, cultura e socialização entre a comunidade jardinense.

4.6 Contribuição da tomada da consciência da história local

A correria do dia a dia faz com que esqueçamos períodos fundamentais que fizeram parte de nossa vida e que constituiu uma importância vital da construção de nossa história. Nesse sentido, reviver a memória do Cine Jardim foi um importante aspecto para uma tomada de consciência já há muito esquecida, uma vez que o cinema foi um dos principais meios de constituição da história de Jardim.

Segundo Medeiros (2002): “Era o Cine Jardim, de porte majestoso, edificado no final dos anos 40. De longe se podiam ver suas duas chaminés pretas da máquina de projeção como dois narizes empinados com um alto falante no centro”. (MEDEIROS, 2002, p.89). Podemos, então, observar que o cinema teve uma importância tão grande para a população, que até o prédio onde funcionava o cinema é lembrado com carinho e como um ícone material representativo de Jardim-MS.

Há, portanto, outros depoimentos que comprovam que a falta do cinema abriu uma lacuna na história de Jardim-MS. Tal como o depoimento de 5-I-F em que podemos compreender ainda mais esta relação intrínseca que unia cinema e frequentadores.

INQUÉRITO 05. 5-I-F.

INF.: Eu me lembro de quando chegava filmes de ação, a alegria que eu e minhas amigas sentia. Era como se fosse uma festa, a gente tinha oportunidade de conhecer várias partes do mundo.

Nota-se no testemunho de 5-I-F que o sentimento com relação ao cinema, e suas novidades em termos de filmes, eram sempre muito positivos. Além disso, a informante 5-I-F afirma que através do cinema, filme, o leitor da década de 80 poderia ler, e conhecer, várias partes do mundo sem se deslocar de Jardim-MS. Logo, esse conhecimento a outros locais se dava por meio da leitura dos filmes. De acordo com Medeiros (2002), teoricamente é tarefa fácil compreender “[...] o fascínio que o Cine Jardim exercia sobre todos. Era a maior atração da cidade. Através dos filmes, tinha-se contato com o resto do mundo, não se ficava completamente isolado”. (MEDEIROS, 2002, p.34).

Podemos perceber também que o cinema foi também uma “porta de entrada” para o mundo lá fora, visto que para muitos foi por meio dele que se teve a única oportunidade de conhecer povos e culturas diferentes. A foto a seguir revive o cine jardim de Jardim-MS.

Figura 4- Cine Jardim - Um ícone cultural para o cidadão jardinense



Fonte: James Jorge Barbosa (2018).

Reconhecemos e partimos do princípio de que o Cine Jardim desempenhou função primordial aos moradores e, segundo Medeiros (2002), “Se foi prestada ou não uma ode à sétima arte, o cinema de Jardim não nos deixa dúvida de que serviu como marco do desenvolvimento da cidade”. (MEDEIROS, 2002, p. 98). Além disso, devemos ressaltar o considerável desfalque causado pela ausência desse entretenimento, que fez significativa falta para a cidade, enquanto colaborador, para enriquecimento cultural da sociedade jardinense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma investigação acerca dos benefícios deixados pelo cinema de Jardim aos seus frequentadores. E, teve como objetivo principal identificar, descrever e apresentar a importância do Cine Jardim através da interface entre leitura e cinema. Assim como, um incentivo deixado aos seus habituados como futuros leitores e também, ao crescimento cultural da população. Além disso, permitiu também, uma pesquisa de campo para a obtenção de dados junto ao público do cinema daquela época, acerca do legado deixado pelo Cine Jardim. E nos depoimentos dos cinco entrevistados, houve unanimidade ao relatarem que o Cine Jardim deixou um enorme valor cultural para suas vidas.

Desta maneira, também o Cine Jardim foi de especial relevância para minha formação acadêmica e para meu conhecimento de mundo. E, teve um crédito significativo para meu crescimento como pessoa e como leitora. Principalmente, pelo fato de o Cine Jardim fazer parte de minha vida desde a infância, passando pela adolescência e juventude. Haja vista, ser o cinema o único meio de entretenimento e único canal que me mantinha em contato com o resto do mundo. Deixando, por isso uma herança cultural que tenho desfrutado ao longo de minha existência.

Aliada a essas experiências pudemos então, apreender o quanto o Cine Jardim foi importante para a formação de leitores da atualidade e quão cara importância o Cine Jardim teve para aquele público.

Deste modo, fica evidente acerca da necessidade em se pensar na recuperação desta história de maneira mais profunda. Pois, é através da memória de um povo que passamos há compreender um pouco mais sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Jefferson Machado. Olhares Investigativos Sobre a Fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai: Um Estudo de Caso Etnográfico. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, 2016.

CAMPOS JR, Luís de Castro. Cinema, História e Literatura: Possibilidades de Diálogo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. UNESP – Campus de Assis. São Paulo, 2007.

ERICKSON, F. Qualitative Methods in Research on Teaching. *M. C. Wittrock. Handbook of Research on Teaching*, 3, Nova York: Macmillan Publishing Company. 1990, p. 119-158.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Etimológico Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: positivo, 2004.

_____. Dicionário Eletrônico da língua portuguesa. Editora Objetiva, 2007.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. Edições 23ª e 53ª. São Paulo: Cortez, 1996a, 2006.

HOUAISS, Antônio. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. Dicionário online Houaiss da língua portuguesa. Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>> Acesso em 02 de nov. de 2017.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura? São Paulo: Brasiliense, 1994.

MEDEIROS, Samuel Xavier. Memórias de Jardim. Campo Grande: Gráfica e Editora Teassul Ltda., 2002.

PEREIRA, Maria Lúcia Pinto. Histórias que o povo não conta, Jardim: Editora e Gráfica Bodoquena, 1991.

NECCHI, Vitor; SANTOS, F. dos; MARQUES NETO, J. C.; ROSING, T. M. K. Mediações de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.